

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

CÉLIA DA SILVA LEÃO

O CONGO: LÍNGUA E MEMÓRIA

Pontes e Lacerda-MT
2016/2

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

CÉLIA DA SILVA LEÃO

O CONGO: LÍNGUA E MEMÓRIA

Monografia de conclusão de curso de graduação em Letras, apresentada ao departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientador: Professor Me. Weverton Ortiz Fernandes.

Pontes e Lacerda-MT
2016/2



**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS DE PONTES E LACERDA UNIVERSITÁRIO
FACULDADE DE LINGUAGEM E ZOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**



BANCA EXAMINADORA

Professor Mestre Weverton Ortiz Fernandes
Orientador

Professora Doutora Eliana de Almeida
Examinador I

Professor Mestre Divino Alex Rocha de Deus
Examinador II

Dedicatória

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso, a Deus, que me deu sabedoria e força para superar tantos obstáculos durante essa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Meus mais profundos agradecimentos a:

Agradeço a Deus por te me dado á oportunidade de estudar em uma universidade pública, por te me amparando nos momentos de fraqueza em que pensei em desistir. Obrigado meu Deus por estar comigo nesta trajetória.

Agradeço o meu orientador Professor Mestre e futuro Doutor Weverton Ortiz Fernandes pelas competentes orientações acerca dos caminhos da pesquisa.

Agradeço aos meus filhos e meu esposo pela compreensão nos momentos ausentes e por acreditarem em min. Amo vocês!

Agradeço a minha mãe e irmã pelas palavras de incentivo e força.

Agradeço e dedico esse trabalho a minha querida avó que não está mais presente entre nós, mas me deu força e incentivo para seguir nessa caminhada.

Agradeço aos meus amigos de turma pelo companheirismo, cumplicidade e amizade que me ajudaram a chegar até aqui. E que juntos compartilhamos momentos únicos que jamais se repetiram. Estendo agradecimentos também aos colegas de viagem (VILA BELA/UNEMAT/VILA BELA) que carinhosamente chamo de galera do *Busão*. Juntos, fizemos do ônibus um lugar de estudar, compartilhar conhecimento, comer e dormir. Agradecimento especial a José Soares motorista do ônibus pela dedicação e pelo trabalho prestado ao longo desses anos.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que diretamente ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse concluir esse curso.

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo compreender os estranhamentos que se instituem nas formulações dos cantos e falas na apresentação da Dança do Congo, em Vila Bela - MT. A Dança do Congo constitui-se como uma festa de memória da cultura vilabelense, que procura reunir os costumes trazidos por africanos e portugueses nessa região. Para o desenvolvimento da pesquisa filiamos à teoria da Análise de Discurso e mobilizamos as noções de memória discursiva, trabalhada por Maria Onice Paver (2006, 2005) e Eni Orlandi (2000, 2001, 2004 e 2006) cuja teoria nos permite compreender o funcionamento da memória discursiva nas formulações discursivas da Dança do Congo em suas condições atuais de produção. Questionamos no ritual festivo a manifestação de diferentes terminologias, tanto pelo aspecto morfológico quanto pelo sintático, um estranhamento no sistema da língua portuguesa formulada pelos descendentes de escravos.

PALAVRAS CHAVES: Memória Discursiva. Sujeito. Elementos Linguístico.

ABSTRACT: The present work aims to understand the strangeness that is established in the formulation of songs and speeches in the presentation of the Congo Dance in Vila Bela - MT. The Congo Dance is a celebration of the memory of Vilabelense culture, which seeks to bring together the customs brought by Africans and Portuguese in this region. For the development of the research, we belong to the theory of Discourse Analysis and mobilize the notions of discursive memory, worked by Maria Onice Paver (2006, 2005) and Eni Orlandi (2000, 2001, 2004 and 2006) whose theory allows us to understand the functioning of memory Discursive discursive formulations of the Congo Dance in its present conditions of production. We question in festive ritual the manifestation of different terminologies, both by the morphological and the syntactic aspect, strangeness in the system of the Portuguese language formulated by the descendants of slaves.

KEYWORDS: Discursive Memory. Subject. Linguistic Elements.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	-----01
1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	-----02
2. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A DANÇA DO CONGO EM VILA BELA-MT	-----07
3. O CONGO: LINGUA E MEMORIA	-----15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	-----17
REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICAS	-----18

INTRODUÇÃO

A pesquisa que iremos desenvolver se constitui sobre a Dança do Congo no ritual festivo de Vila Bela da Santíssima Trindade - MT. O material tomado para ser analisado é a transcrição das falas e dos cantos da apresentação da Dança do Congo.

Para análise do material de pesquisa, embasamos o presente estudo nas considerações teóricas da Análise de Discurso apresentada e discutida no Brasil por Eni Orlandi (2000, 2006, 2004 e 2002) e nas considerações de Maria Onice Payer (2006 e 2005).

O desenvolvimento de nossa análise levará em conta o gesto de interpretação do sujeito Dançarino Congo na atualidade e buscaremos compreender a formulação discursiva do sujeito com as suas condições de produção. Dessa forma, pretendemos apresentar um lugar de funcionamento da memória discursiva na formulação discursiva da Dança do Congo em Vila Bela - MT.

Nosso percurso se dará da seguinte forma no primeiro capítulo buscaremos compreender o papel da memória discursiva no sujeito. No segundo capítulo nosso corpus de análise funcionamento linguístico-discursivo do sujeito no ritual festivo da Dança do Congo em Vila Bela – MT e último capítulo o lugar de significação de um sujeito que busca se dizer dentro de uma tradição histórica diante de um atravessamento discursivo que provoca certos estranhamentos linguístico-discursivos que indicam o funcionamento da língua no ritual festivo.

1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Propomos nessas considerações teóricas fazer uma reflexão acerca dos estudos linguísticos em Saussure e, posteriormente, pelo viés da Análise de Discurso tecer considerações a respeito da memória discursiva e o seu funcionamento na língua(gem).

Saussure (2006) em sua obra póstuma *Curso de Linguística Geral* concebe a língua enquanto sistema. Esse sistema nos permite compreender que os elementos linguísticos relacionam-se, e não se constituem de modo isolado nos estudos linguísticos.

Para o autor, o funcionamento da língua não depende exclusivamente do indivíduo, do falante, mas sim do conjunto de falantes que formam uma comunidade linguística. A partir das considerações de Saussure podemos considerar funcionamento da língua do seguinte modo:

Um sistema linguístico é uma serie de diferenças de sons combinadas como uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de um certo numero de signos acústicos com tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui o vinculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo. Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual á parte, puramente diferencias e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre duas ordem diferenças. (SAUSSURE, 2006, p, 139-140)

Além de ser um sistema, a língua também é uma convenção social, um sistema determinado por um conjunto de falantes. Propomos um deslocamento pelo viés saussuriano e visamos o estudo da língua pela filiação teórica da Análise de Discurso, que compreende a língua aberta para a historicidade no texto, o trabalho da memória discursiva.

Podemos compreender que a Análise de Discurso não trata apenas da língua e nem da gramática como objetos de estudos fechado em si, trata do discurso e busca compreender a língua fazendo sentido pelo trabalho da memória. Sendo dessa forma, a Análise de Discurso concebe a linguagem como “mediação necessária entre homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2000, p.15). O que a Análise de Discurso observa é a língua funcionando no mundo, como modo de “significação, com homens

falando, considerando a produção de sentidos enquanto partes de suas vidas, seja enquanto sujeito seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade” (ORLANDI, 2000, p,16).

Dessa forma, a Análise de Discurso vai considerar os processos e as condições de produção de linguagem em relação ao que estabelece entre “língua e sujeitos que falam e as condições que produz o dizer” (ORLANDI, 2000, p, 16). Dessa forma, temos a regularidade da linguagem nas condições de produção e assim o analista de discurso busca relacionar a linguagem à sua exterioridade. Nessa perspectiva o trabalho do analista é verificar as diferentes condições de produção do discurso, assinalando o funcionamento da memória discursiva.

O estudo que interessa à Análise de Discurso é a língua em seu funcionamento por meio das condições de produção em diferentes épocas, seguindo diferentes perspectivas. Essa disciplina não está procurando um sentido por trás do discurso, ou nas entrelinhas, a Análise de Discurso parte da materialidade do discurso, para sermos mais exato, da forma como ele se constituiu linguisticamente.

O analista leva em conta no funcionamento da língua as suas condições de produção. A língua significa diferentemente não devido ao emprego e às intenções do sujeito, as condições de produção ocupam papel de destaque para o funcionamento dos efeitos de sentidos que se dão na língua e na memória discursiva.

Compreendemos que os sentidos se constroem nas relações de sujeito e linguagem e dessa forma temos o discurso que se constitui pela memória discursiva:

[...] ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construindo, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2000, p.31).

Conforme as considerações de Orlandi (2000) tem-se a exterioridade funcionando em forma de discurso, produzindo sentido por meio da memória discursiva. Todo o dizer materializa sentidos pela memória. Para que os sentidos se signifiquem, estes há de se inscrever na memória.

Assim, buscamos a compreender como a língua significa “procurando mostrar que relações existem entre linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é relação

direta que se faz termo-a-termo” (ORLANDI, 2000, p. 19). Segundo a autora (2000) é dessa forma que se constitui o discurso, sendo um objetivo linguístico-histórico, considerando também a exterioridade da linguagem.

Ou seja, a interpretação e a linguagem não se dissociam, e não se constituem de modo unívoco. Antes dos indivíduos chegarem ao mundo, a linguagem de um povo já estava estruturada e significada no mundo, ou seja, o indivíduo que é pego pela língua(gem). Dessas considerações em Orlandi (2004), a Análise de Discurso recusa o conceito de linguagem como instrumento de comunicação; não se trata de algo estabelecido pelo sujeito que a utiliza como quiser.

A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gesto de interpretação, uma vez que as diferentes formas de linguagem, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos (ORLANDI, 2004, p. 9).

Ou seja, um objeto se torna significativo para o sujeito quando esse objeto é interpretado por ele. Para que haja a interpretação do sujeito é necessário o funcionamento da memória discursiva. O funcionamento da memória discursiva pode acontecer varias formas nas produções de linguagem. Ao trabalhar com a historicidade faz se necessário um olhar para o processo de identidade do sujeito e o modo de interpretação desse sujeito que tem como pano de fundo a história como produção de sentidos.

Somos sujeito quando em nosso dizer materializa-se o trabalho da memória discursiva. Para que nosso dizer possua sentidos, nesse aspecto “[...] passa pelo processo do já-dito pelos esquecimentos, pois nos sujeitos temos a ilusão de pensarmos em ser a origem do dizer e que o nosso dizer possui apenas um sentido” (ORLANDI, 2006, p. 22). O papel da Análise de Discurso não é o de dizer qual sentido tal formulação produz, mas sim explicitar os modos de produção desses sentidos.

Isso nos permite compreender que pelo discurso, “o homem na sua história” remete a materialização do trabalho da memória sobre o sujeito. Logo, parafraseando Orlandi (2000), a memória discursiva é um conjunto de formulações já feitas e esquecidas, dessa maneira, o que já foi dito por alguém é esquecido e futuramente, poder ser empregado por nós na ilusão de ser originado em nós. Dito de outro modo, a memoria discursiva circula dizeres anteriores já esquecidas, inacessível para o sujeito, e que se materializa pela formulação discursiva.

A constituição determina a formulação, pois só podemos (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tinham seus sentidos. (ORLANDI, 2002, p. 31)

Sobre a língua, esta não é só um código que transmite informação, ela é trabalhada pela memória. Dessa forma, o locutor e o interlocutor é afetado pela língua e pela história: “o sujeito está inserido em circunstâncias, e é afetado pela memória discursiva” (ORLANDI, 2000, p, 15) A memória discursiva é tratada como interdiscurso, sendo assim “os sentidos já ditos por alguém em algum lugar em outros momentos” (ORLANDI, 2000, p, 15). Nesse sentido, para Análise de Discurso, o sujeito não é um mero transmissor de informação.

O discurso não corresponde à noção de fala, pois não se trata de opô-lo à língua como sendo este um sistema, onde tudo se mantém, como sua natureza social e suas constantes, sendo o discurso, como a fala, apenas uma ocorrência casual, individual, realização do sistema, fato histórico a sistemático, com suas variáveis etc. (ORLANDI, 2000, p, 22).

Ao decidimos nosso percurso pelos estudos da memória discursiva para compreender o funcionamento da língua não poderíamos deixar de ressaltar as considerações de Payer sobre a memória da língua, imigração para compreender de que forma funciona dadas condições de produções que tentam trazer a história como pano de fundo.

Nas considerações de Payer (2006) em *Memória da língua, imigração e nacionalidade*, é interessante ressaltar nessa relação que se apresenta na língua em funcionamento que nem sempre o sujeito se dá conta da representação de elementos linguísticos estranhos à sua língua: “[...] certos elementos de língua estranhos ao falar e que pode ser reconhecido apenas como traços estranhos ao português são recorrentes quando o sujeito se insere em dadas condições de produções históricas” (PAYER, 2006, p, 108).

Os traços estranhos ao funcionamento da língua, conforme as considerações de Payer (2006) é o próprio da memória discursiva na língua “[...] trata-se de memória de ‘outra língua’ apenas em partes descritíveis, no interior de enunciados em português, e o procedimento de isolar estes traços na descrição resultará certamente em consequências semelhantes às tais categorizações [...]” (PAYER, 2006, p, 111).

Nas considerações de Payer (2005) em *Discurso, memória e oralidade*, considera que há dois estatutos de memória na língua:

Há certas condições de retorno da memória, mas há também condições de esquecimento incontornáveis. (Da tensão entre o retorno e o esquecimento resulta um jogo entre o que considero como dois níveis da memória discursiva: o nível da memória constitutiva (indizível) e o da memória formulada representam, dita, narrada)

Primeiramente, para compreendermos esses dois aspectos da memória discursiva, consideramos a memória constitutiva, que são dizeres apagados pelo tempo, mas que produzem efeitos de traços discursivos na formulação discursiva.

Já a memória representada pode ser “ilustrada a partir daqueles fragmentos linguístico-discursivos que são reconhecidos pelos sujeitos como parte da sua memória histórica” (PAYER, 2005) e que está sobre o viés da formulação, ou seja, os sentidos que significam na materialidade da formulação discursiva do sujeito, que não compreende o trabalho da memória, mas que significa em sua formulação.

Compreendemos com base nas considerações de Orlandi (2000, 2004 e 2006) e Payer (2006 e 2005) que a língua materializa o trabalho da memória discursiva.

2. DANÇA DO CONGO: (RE) ENCENAÇÕES

Muito pouco foram os estudos que buscam compreender essa tradição vilabelense mantidas ainda pela comunidade de Vila Bela em que os cantos da Dança do Congo são marcas registradas de um povo que busca guardar seus registros de linguagem não pela escrita de documentos, mas sim por meio memória oral do sujeito dentro de uma tradição histórica representada culturalmente todos os anos como forma de resistência de suas origem afro descendente em terras brasileiras assim trabalharemos neste capítulo para compreender de que forma a Dança do Congo se constituiu, ou seja, os sentidos da Dança do Congo materializados nas formulações dos cantos de suas músicas e nas apresentações verbais teatralizadas pela dança.

Conforme os relatos de um morador da localidade, a Dança do Congo foi uma estratégia que os escravos trouxeram da África como forma de diversão ou até mesmo de demonstrar sua cultura africana em terras brasileiras. A Dança do Congo tinha um grande intuito de alegrar a comunidade da época no período da escravidão no Brasil. Os soldados dançantes apresentavam episódios rememorando os costumes de suas vidas tribais do continente africano. Ao final da apresentação teatral, os soldados dançantes saíam pelas ruas da cidade num simples cortejo.

Abaixo, apresentamos o relato do Sr. Elísio Profeta que vai nos contar a história do Congo.

Pra mim conta a historia do Congo eu tenho que contar a historia de Vila Bela já que as duas estão entrelaçadas. Vila Bela da Santíssima Trindade foi fundada em 1752 com o intuito de assegurar terras para a Coroa Portuguesa porque ao oeste da Ilha pertenciam a Coroa Espanhola. Foram trazidos para Vila B. da Santíssima Trindade negros escravizados de diferentes regiões da África em especial de Congo, Angola, Cabo Verde, Ilha de São Tomé Golfo da Guiné entre outras. Esses negros foram trazidos para Vila Bela com o intuito de construírem uma cidade para ser capital do Estado. Esses negros foram trazidos de diferentes lugares da África porque lá no continente deles existia uma rivalidade entre eles então não se uniriam em busca da sua liberdade. Vila Bela se constitui neste período como uma rota mercantilista que dava vazão ao ouro produzido pelas minas de Mato Grosso para outros estados, como o Pará, assim contribuía significativamente para aquecimento da economia vilabelense da época e consequentemente para o

aumento populacional da nova capital. Durante esse período a cidade viveu um momento de glória, mas com o passar do tempo diminuiu-se a produção do ouro da região e, conseqüentemente o movimento comercial. Além disso, a cidade se revelou um lugar doentio devido à falta de salubridade, comum obtenção de doenças na população e o intenso trabalho escravo, que juntamente aos maus tratos, reduzia a vida útil desta mão de obra. Esses fatores revelaram a primeira capitania como um lugar não favorável à habitação de qualidade foram esses os principais motivos da transferência da capital para Cuiabá. O abandono que primeira capital se encontrou após a mudança da sede do governo para Cuiabá foi muito grande o abandono. Os capitães levaram somente os negros que eram operários, os demais foram deixados em uma cidade há ruínas. Eles se encontravam arruinados, mas apesar do triste cenário que os cercavam eles ganharam a tão sonhada liberdade.

Salientamos, mais uma vez, com base no relato do morador local, que Vila Bela viveu um longo período de abandono, isolamento. Apresentarei aqui algumas considerações que fez surgir meu recorte em pesquisar o ritual festivo, em especial a apresentação da Dança do Congo e seus cantos. A Dança do Congo é apresentada especialmente pelos negros a partir de uma tradição que retoma os confrontos na África, que tinha o intuito de demonstrar sua cultura de episódios rememorando os costumes e fatos da vida tribal “na sua manifestação mais primitiva e generalizada, não passam dum simples cortejo real, desfilando com danças cantadas” (ANDRADE, 1959 p. 17). No decorrer da história no Brasil, a encenação do Congo foi sendo ressignificada e, atualmente, instituem sentidos trazidos pelos portugueses, como os sentidos da Fé religiosa cristã, por exemplo. O Congo é uma dança encontrada em vários estados brasileiros.

Vila Bela oferece como forma de manifestação cultural além da culinária e bebidas típicas, a grandiosa festança comemorada anualmente no mês de julho. Trata-se da festa do Divino Espírito Santo, Festa de São Benedito e da Santíssima Trindade, que agrega a Dança do Congo e a Dança do Chorado como forma de resistência dos costumes africanos em terras brasileiras, mas a festa é de cunho religioso, que engloba em seu conteúdo a realização de rituais, que para o catolicismo, eram tidos como rituais pagãos. É por isso que Carvalho (2001, p. 8) descreve sendo uma festa de rituais profana e sagrada.

O sagrado exteriorizado na festança deixa transparecer a presença do catolicismo na vida social e cultural de Vila Bela, marcando a fé cristã entre os negros, e o profano é sugerido pela miscigenação entre

catolicismo e os significativos rituais africanos. A religiosidade desperta pela festa acaba por fazer com que a fé cristã se sobreponha aos aspectos mundanos, e a mantenha o seu sentido mais profundo. A comida, o foguetório e o baile fazem dela uma comemoração popular, que toma a cidade com a folia atravessando a madrugada. A música, catolicismo dança e a fé sintetizada na celebração ganham praças e ruas, que se torna território livres sem limites cotidianos numa grande confraternização, que parecem relevar muito mais do que contar sua história (CARVALHO, 2001, p. 08).

A Dança do Congo, segundo Carvalho (2001). “É uma dança milenar” um teatro a céu aberto, como se fosse um jogo “de memorização repleto de palavras e expressões africanas” (idem, p. 72). Com os personagens bem trajados, há muitas cores em suas vestimentas de guerra, e os dançantes são munidos com armas artificiais, como espadas de madeiras para simbolizar na dança um confronto entre o Reinado do Congo e o Reinado de Bamba. Os personagens que encenam a Dança do Congo são o Rei do Congo, o Secretário, o Príncipe, também chamado de Kanjinjin, o Embaixador do Rei de Bamba, quinze pares de Soldados dançantes do Bamba e seus tocadores. Além dos personagens que integram a dança do Congo na festa do Glorioso São Benedito.

Segundo Carvalho (2001) a Dança do Congo ainda guarda até os dias atuais costumes africanos, como a escolha do Rei e a Rainha da festa. Os cargos são destinados às pessoas mais velhas como forma de referenciar (homenagear) gerações mais velhas. Já o Juiz e a Juíza são responsáveis por guardar a imagem de São Benedito, organização da festa e pelo oferecimento das refeições nos dias de festa a todos que participarem. Os Ramalhetes cabem somente à função de carregar, durante os desfiles pelas ruas da cidade, nos dias de festa, uma rosa branca e a outra vermelha, um ritual que significa o cumprimento das promessas feitas pela população ao santo.

Na África, tradicionalmente a figura das pessoas mais velhas e a hierarquia é muito respeitado. Muito pouco foram os estudos que buscam compreender essa tradição vilabelense mantidas ainda pela comunidade de Vila Bela em que os cantos da Dança do Congo são marcas registradas de um povo que busca guardar seus registros de linguagem não pela escrita de documentos, mas sim por meio memória oral do sujeito dentro de uma tradição histórica representada culturalmente todos os anos como forma de resistência de suas origem afro descendente em terras brasileiras assim trabalharemos neste capítulo para compreender de que forma a Dança do Congo se

constituiu, ou seja, os sentidos da Dança do Congo materializados nas formulações dos cantos de suas músicas e nas apresentações verbais teatralizadas pela dança.

. A experiência de vida é tida pelos mais novos como sendo guardião da memória, da tradição, da sabedoria e da cultura, sendo assim Fonseca (2008, p, 138) afirma sobre as pessoas mais velhas na África.

Na África delega aos mais velhos transformam-se nos cronistas dos acontecimentos que devem ser passado aos mais novos e, nesses rituais, personificam o antepassado que viveu a história contada. E se o mais velho falta força para trabalho, sobra-lhe experiência para ser transmitida aos mais novos [...]. Sempre deve homenagear os mais velhos pois são os guardiões da sabedoria (FONSECA, 2008, p, 137).

Após todos os integrantes do Congo se ajuntarem começa o ritual do convite aos Festeiros de São Benedito. Todos os integrantes do Congo saem às ruas da cidade para buscar os festeiros em suas casas: primeiro o Juiz e a Juíza depois o Rei e a Rainha e por último os Ramalhetes, sempre nessa ordem para se dirigirem até a igreja matriz e participarem da celebração da missa.

Selecionamos alguns trechos da apresentação da apresentação da Dança do Congo, seleção esta realizada por uma gravação¹. Os festeiros aguardam a celebração da missa na casa do Rei do Congo que fica bem próximo à igreja, logo depois do encerramento da missa se escuta os fogos e os batuques do Congo que se encaminha para a porta da igreja onde acontecerá a apresentação teatral.

Segue a descrição da cena relatada na gravação, em destaque os elementos linguísticos que visaremos a refletir mais adiante. O ritual de festa da Dança do Congo inicia-se com os cantos I e III:

Canto I

Sai, sai, o **engomerê**.

Saia do caminho

Sai **engomerê**

Chegou, chegou, chegou **enganaiá**

Chegou, chegou, chegou **enganaiá**

Pra fazer a nossa festa de São Benedito

Pra fazer a nossa festa de São Benedito

¹Créditos da gravação à autora dessa pesquisa, gravação realizada no ano de 2016, na segunda quinzena do mês de julho.

Canto III

Chegou, chegou, chegou **mantingombem**.

Ei **saragangá**.

Viva Benedito Santo hoje neste dia

Viva Benedito Santo hoje neste dia

Chegou, chegou, chegou **mantingombem**

Viva Benedito Santo hoje neste dia

Viva Benedito Santo hoje neste dia

Enquanto os soldados estão cantando esses dois cantos, o Rei do Congo e o príncipe tomam assento na porta da igreja, onde está montado um palco. Em seguida, começa a apresentação do Congo. Os 12 pares de soldados se colocam em fila juntamente com o embaixador à frente entre uma fila e a outra. Cessada a saudação, o Rei do Congo percebe a movimentação diante de seu castelo. E o Rei dirige-se e chama Secretário de guerra para:

- Olá, olá, olá Secretário do meu real estado! Vale a minha andança! Vale minha Nossa Senhora! Onde está esse Secretário que não atendem aos meus chamados, hoje nesse dia? Olá, olá, olá, Secretário da minha real coroa.

O Secretário surge diante do Rei pedindo desculpas pelo atraso:

*- Eu não estava dormindo e nem acordado, eu tava era **sarapantado** de ver essa **buía ematinada** entrar no seu reinado adentro sem respeito a vossa coroa seu Rei.*

O Rei pergunta ao secretário se os guerreiros que se encontram na porta do seu castelo se são contra ou a favor do seu reinado.

*- Então vai-me**congiar** que gente são essas. Se gente de festa grita festa, mas em festa, se for gente de guerra comanda guerra e mais guerra.*

Secretário responde ao Rei

- Rei, senhor! Para mim não é gente de festa e não é de guerra.

O Rei fica desconfiado de que não é gente de festa, ordena que o Secretário vá novamente observar quem são aquela gente que está na porta de seu palácio. O Secretário volta e diz ao Rei:

- Senhor, são os pretinhos de Guiné, coroados de penas e metido de galante, metido de armas contra o Rei da Monarca.

O Rei volta a dizer ao Secretário que vá verificar que gente são aquelas:

*- Secretário de guerra! Vai mecongiar que **mucamba** é essa. Ser for gente de festa grita festa, e mais festa, mas ser for gente de guerra comanda guerra e mais guerra.*

Os soldados voltam a tocar e dançar. O Secretário toma a dança em volta dos Soldados. Enquanto o Secretário observa e dança em volta dos Soldados, começa um duelo de espada entre o Secretário e os Soldados adversários. Na sequência, o Secretário baixa sua espada, com muita força no meio dos Soldados e eles se afastam. Ao se afastarem, o Secretário percebe a presença do Embaixador que está no meio das duas vilas protegidos pelos soldados. Ai o Secretário se manifesta.

*- Bem que são gente atrevida, ante que me faça **ramão** na terra do seu inimigo. Onde está que eu mato “ocêis” tudo.*

O Secretário dirige-se a presença do Rei senhor e diz ao Rei que é guerra. Aí chega o Embaixador de **Mumbique de Mombaça** que traz uma carta de **Mucamba** que manda o Rei de **Bamba** morrer. O Rei então ordena que busque o Embaixador e traga a sua presença. O Embaixador chega na presença do Rei e se manifesta:

*- Aqui eu trago uma **mucamba**, pelo que eu mesmo Embaixador que mando em guerra bem sabeis que nessa casa festeja o glorioso São Benedito santo que são convocados para vencer a guerra.*

O Rei responde ao Embaixador:

- Podereis entrar que os meus portais são francos lavrados de ouro e prata assim como manda minha real coroa.

O Rei pede ao Secretário de guerra que **congiar que mucamba** são essas em seguida, o ilustre Secretário lê a carta:

*- oh meu irmão Rei do Congo, vos remeto esse **mucamba** pelo meu Embaixador que manda em guerra, que tu prometeste tua filha Princesa dona Ana Maria de Gouveia. Se não mandarás, faço guerra até vencê-lo.*

Ao ouvir a carta o Rei toma a decisão de manter o Embaixador, preso em seu reinado, até vencer a guerra. Neste momento da dança o embaixador fica sentado ao lado do Rei. Após a prisão do Embaixador, os soldados cantam o canto três.

Canto III

Chegou, chegou, chegou **mantingombem**.

Ei **sarangangá**.

Viva Benedito Santo hoje neste dia

Viva Benedito Santo hoje neste dia

Chegou, chegou, chegou **mantingombem**

Viva Benedito Santo hoje neste dia

Viva Benedito Santo hoje neste dia

O Secretário sai e dá algumas voltas ao redor dos Soldados dançantes, e se aproxima do Rei e diz que os seus campos estão tomados pelos **munbungues** e diz que não pode vecê-los sozinho. O Rei procura ao Secretário de guerra se está com medo. O Príncipe interrompe o Rei e diz:

*- Abrandai a tua fúria para a sua defesa e abaixo o seu Estado. Deixe que eu mesmo vou ver estes teimosos **munbungues**. Que o Pedro mais o **Cazu** e o **Muntue**, na ponta da minha **canfanha**, trarei a cabeça deles todos.*

Em seguida, o secretário se ajoelha perante o Rei e recebe um distintivo poderoso para vencer a batalha. E o Rei assim se expressa:

*- Toma essa minha **zimbre** que tem balas e **fundanga** e tem vencida mais batalha. Vai vaii!*

Os Soldados retomam o canto abaixo, enquanto o Secretário se dirige até o centro das filas de Soldados:

Canto IV

Chegou, chegou, chegou **matigombê**

Chegou, chegou, chegou **matigombê**

Olha lá **matigombem**

Olha lá **matigombem**

Ei **sarangangá**

No final da apresentação o Secretário de guerra consegue executar os soldados do Congo. E uma invocação é feita pelo secretário, e se coloca diante das duas filas, invoca em voz alta a proteção a São Benedito para vencer a batalha *Valei meu São Benedito! Dante era sangue de branco, hoje é sangue de preto. Valei- me para vencer está batalha real: **Lá confraco! Lá confraco! Lá confraco***

Secretário sai a deferir golpes de espada em cada um dos dançantes. Os Soldados Cantam

Canto II

Mais é ô **Mariá**

Mais é ô **Mariá**

Viva Benedito Santo

Viva Que ganhou a sua graça.

Benedito Santo

Que ganhou a sua graça

Após a proteção de São Benedito, todos os soldados ficam em filas e tem o início o ritual de matança na dança, o Secretário do Rei do Congo sai a deferir golpes de espada em cada um dos dançantes do Rei Bamba até matá-los um a um. E assim o Secretário de guerra consegue vencer a batalha. Algo sobrenatural, um único homem que é representado como o Secretario consegue vencer sozinho um exercito inteiro, matá-los e depois ressuscitá-los. Nessa parte da apresentação da Dança do Congo ocorre como sendo o “milagre” de São Benedito que é encenado por este sujeito como sendo algo sobrenatural que não foi criado para ser explicado pela ciência e pelo humano. Eles residem em um espaço do sagrado para provocar admiração nos sujeitos religiosos que buscam entender o milagre como uma divindade, algo criado por um ser maior que não está na nossa presença.

Na descrição da festa da Dança do Congo, destacamos alguns elementos linguísticos da formulação discursiva que consideramos como estranhos ao sistema linguístico do português, e propomos discuti-los discursivamente.

3. O CONGO: LÍNGUA E MEMÓRIA

Ao refletirmos sobre o material festivo da Dança do Congo marcado pelas práticas de linguagem, trataremos de descrever/interpretar certos estranhamentos linguístico-discursivos que indicam o funcionamento da língua no ritual festivo de Vila Bela. O sujeito de linguagem é pego pela língua encontrada na história dessa população, ou seja, se constitui pela memória discursiva que se reproduzem historicamente. Segundo as considerações de Payer (2006)

Traços de língua estranho ao português são recorrente em comunidade de imigrante são comuns nas conversas da população observada. Canções, expressões de certos tons emocionantes, em dialetos, caracterizam personagens das comunidades como típicos sujeitos (PAYER, 2006, p, 108).

Esses estranhamentos ressaltados por Payer (2006) são elementos linguístico-discursivos que podem ser de ordem fonética, lexical, semântica, morfológica. Direcionamos a reflexão da pesquisa aos elementos linguísticos de ordem morfológica e sintática encontradas nos cantos e nos trechos verbalizados da apresentação da Dança do Congo. Quanto aos elementos linguísticos encontradas nos cantos, sobre os aspectos morfológicos, aqui salientamos as recorrentes: ***ingomesai, engomerê, enganaia, matingombê, sarangagá.***

Sobre os elementos linguísticos encontradas nas conversas orais, seguem a seguir: ***congiar, mucamba, inganaia, ramão, mumbique, Mombaça, Lá confraco, zimbre, fundanga.***

Há também elementos linguísticos de ordem sintática: O Rei pede ao Secretário de guerra que ***congiar que mucamba*** são essas em seguida [...], ***Lá confraco! Lá confraco! Lá confraco!***, Mais é ***ô Mariá***[...].

Na materialidade linguística da festa da Dança do Congo, sobre os sentidos que se apresentam pelos saberes dos discursos na língua, compreendemos o estranhamento linguístico como estatutos de memória histórica que se manifesta em nossa sociedade. Podemos escrever esse estranhamento como sendo um retorno ao passado nas condições atuais de produção de sentidos. Portanto, esse estranhamento diz respeito aos elementos histórico-discursivo, da ordem da memória histórica (cf. Payer, 2005 e 2006). Para ser fazer um reconhecimento desses elementos estranhos, vemos como pertinente compreender um percurso histórico de constituição do sujeito vilabelense e da Dança do

Congo para podermos apontar os saberes que interpelam o sujeito vilabelense e o seu funcionamento linguístico na festa do Congo.

Lidar com esses estranhamentos na estrutura linguística pelo viés discursivo nos leva a compreender o modo como a história se diz no sujeito e na língua do ritual do Congo, no modo de ser, de se dizer e até mesmo de representar culturalmente diante de sua comunidade e trazer assim suas histórias, sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos no ritual da Dança do Congo um estranhamento em seu sistema linguístico (cf. Payer, 2006) que marca o modo do sujeito se dizer como representante de uma nação que fora arrancada de suas terras e imposta a uma nova tradição cultural. Supomos que nesse efeito de festa tradicional (Dança do Congo) tem um sujeito interpelado por vários atravessamentos discursivos materializadas no sistema da língua. Não poderíamos compreender que esse estranhamento linguístico não significa nada para esse sujeito. Independente da intenção do sujeito, temos nesse estranhamento o trabalho da memória discursiva que constitui a formulação discursiva do sujeito na Dança do Congo

Consideramos que o sentido de estranhamento é algo inerente à linguagem, pois sua constituição está relacionada à época, pessoas, ou seja, está contextualizado a essa situação em rituais festivos de tradição, de modo que seus efeitos se manifestem na linguagem de acordo com as suas condições de produção, que por sua vez inclui tanto o contexto imediato, as circunstâncias da formulação, quanto o contexto sócio-histórico / ideológico que faz intervir a memória, o interdiscurso.

Supomos, por fim, que a materialidade linguística das músicas e das apresentações das conversas encenadas no Congo materializa uma tensão linguística. A partir das considerações de Payer (2006) em relação ao imigrante italiano no Brasil, tal questão nos leva a pensar que o sujeito dançarino do Congo é atravessado em sua constituição por diferentes saberes linguístico-discursivos. Assim, perguntamos pelo modo como se historicizam o estranhamentos linguístico-discursivos no ritual festivo da Dança do Congo em Vila Bela – MT.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PAYER, Maria Onice. *Discurso, Memória e Oralidade*. In: Horizontes: Linguagem, Discurso e Práticas Educativas. Vol. 23 No. 1 p. 47 – 56. Janeiro / Junho 2005. Editora Universitária São Francisco

_____. *Memória da língua : imigração e nacionalidade* / Maria Onice Payer. – São Paulo: Escuta, 2006.

_____. *Memória da língua. Imigração e nacionalidade* Maria Onice Payer (Ed. UNICAMP). 2005

PECHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, Tradução. Eni, P. Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988. (Coleção Repertórios).

ORLANDI, Eni Puccienelli *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 1. Ed. – Campinas, SP: Pontes, 2000.

ORLANDI, Eni Puccienelli *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 4. Ed. – Campinas, SP: Editora DO Brasil, 2002.

_____. *DISCURSO E TEXTO: formação e circulação dos sentidos*. 1. Ed.- Campinas, SP: PONTES, 2001.

_____. *DISCURSO em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia* / Eni Puccienelli Orlandi. Campinas SP: Pontes Editores, 2012.

_____. 1942. *Interpretação: autora, leitura e efeito do trabalho simbólico* Eni. P. Orlandi.- 4ª Ed. Campinas: Pontes, 2004.

_____. *Interpretação: autora, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2 Ed. – Campinas, SP: Pontes, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

Vila Bela da Santíssima Trindade começa as comemorações da Festa do Congo : Portal Secretaria de Estado de Cultura Mato Grosso. <http://www3.cultura.mt.gov.br>. Acesso em: 09 ago. 2016.

CARVALHO, A.S. *A Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade*. Cuiabá, MT: M. Vilela, 2001. Edição bilíngue: português – inglês.

FONSECA, MARIA Nazareth Soares, *velho velhice Saberes da África. Percorso da memória* 1ª ed. Belo Horizonte: Veredas Cenário, 2008.

ANDRADE A.R. *Manifestação de Fé e de Cultura em Território Negro em Espaço Branco* 1ª Ed. Alta Paulista 1959.